

CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE NA PALESTINA: UM BARRIL DE PÓLVORA PERMANENTE

ARAB-ISRAELI CONFLICT IN PALESTINE: A PERMANENT POWDER BARREL

¹LOUREIRO, N. M. F.; ²CELERI, M. J.

^{1 e 2} Departamento de Geografia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

O presente estudo tem como foco a Palestina e o conflito entre os povos Israelitas e Árabes no que tange as questões políticas, ideológicas, culturais, religiosas e sociais. Nestas perspectivas, pretende-se com esta pesquisa, nortear os porquês de tanto sofrimento em uma mesma nação e os conflitos ideológicos que perduram séculos. O grande valor desta analogia, esta em discutir e promover novas apreciações, pontos de vistas e considerações sobre o tema na produção de novos conhecimentos. O objetivo dessa pesquisa foi de compreender as premissas das disputas entre palestinos e israelenses por uma terra sem identidade, por ser um nome criado pelos romanos, não tem uma cultura e nem uma sociedade distinta e um povo com ideais políticos, e religiosos muito fortes. A metodologia fez-se através de revisão bibliográfica possibilitando desta forma, por meio de análises de relatos, teses, reportagens e artigos sobre o tema, a verificação que não existe um consenso entre as partes envolvidas nas disputas, e que estas não favorecem para um entendimento e ajuste sobre as questões políticas e ideológicas, onde o território e as condições climáticas, ambientais e tornam-se premissas para enclaves. Portanto, esta pesquisa foi de fundamental importância para entender a raízes das disputas.

Palavras Chaves: Palestina; Povos Árabes; Povos Judeus.

ABSTRACTS

This study focuses on Palestine and the conflict between the Israelis and Arab peoples in terms of political, ideological, cultural, religious and social. These perspectives, the aim of this research, guide the whys of so much suffering in the same nation and the ideological conflicts that have lasted centuries? The great value of this analogy, that in discussing and promoting new appreciations, views and considerations on the subject in the production of new knowledge. The aim of this paper was to understand the origin of the dispute between Palestinians and Israelis for a country without identity, it is a name created by the Romans, has no culture and no one sociedade separately and a people with political ideals, religious and very strong. The methodology was done through literature review and thus to enable, through analysis of reports, theses, reports and articles on the subject, check that there is no consensus among the parties involved in disputes, and they do not contribute to a understanding and adjusting to the political and ideological, where the territory and climate conditions, environmental and become premises for enclaves. Therefore, this research was of fundamental importance to understand the roots of the dispute.

Keywords: Palestinian; Arab People; Jewish People.

INTRODUÇÃO

O confronto entre israelenses e palestinos ganha, a cada dia, capítulos repetidos de violência, intolerância e revanchismo, suspensos apenas por breves períodos de trégua. Apesar da atuação da comunidade internacional e das repetidas tentativas de negociação, o ciclo de violência parece nunca terminar. Em agosto de 2005, por exemplo, Israel promoveu uma retirada total da Faixa de Gaza - só para, meses depois, voltar com suas tropas em busca de um soldado seqüestrado por milícias palestinas. Foi mais um passo para trás no processo de paz iniciado em 1991, que determina a devolução de Gaza e, futuramente, da Cisjordânia.

Apesar dos confrontos recentes, a problemática na Palestina é muito anterior a esses distúrbios. Para compreendê-la, é desejável viajar no tempo e retroceder ao menos até a formação do moderno Estado de Israel, em 1947, e mais ainda, até as Cruzadas e a Antigüidade - onde foram depositadas as sementes da discórdia entre povos e credos. Aquelas passagens nos ajudam a entender por que viver na Palestina é uma questão tão importante para palestinos e israelenses.

Neste sentido a pesquisa ora apresentada visou elucidar estes pressuposto, partindo da caracterização histórica e geográfica dos territórios em questão, possibilitando conhecer as tensões de pólvora nas perspectivas do conflito entre os povos Israelitas e Árabes no que tange as questões políticas, ideológicas, culturais, religiosas e sociais.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Dupas (2000), a Palestina palco das relações de inúmeras tensões, foco deste estudo é uma estreita faixa de terra desértica entre o mar Morto e o mar Mediterrâneo, do Egito ao Líbano, estando na região conhecida como Oriente Médio - sudoeste da Ásia, em uma área de ligação desse continente com a Europa (através da Turquia) e com a África (por meio da parte asiática do Egito). Essa região asiática é também conhecida como Oriente Próximo, sendo que ambas as denominações se devem à influencia da cultura política européia: Oriente Próximo porque é a região do Oriente que está próximo da Europa; Oriente Médio porque é a região localizada no meio, entre Europa e a Ásia.

Figura 1: Localização do Oriente Médio



Fonte: Atlas National Geographic, 2008.

O confronto entre israelenses e palestinos ganha, a cada dia, capítulos repetidos de violência, intolerância e revanchismo, suspensos apenas por breves períodos de trégua. Apesar da atuação da internacional e das repetidas tentativas de negociação, o ciclo de violência parece nunca terminar. Em agosto de 2005, por exemplo, Israel promoveu uma retirada total da Faixa de Gaza - só para, meses depois, voltar com suas tropas em busca de um soldado seqüestrado por milícias palestinas. Foi mais um passo para trás no processo de paz iniciado em 1991, que determina a devolução de Gaza e, futuramente, da Cisjordânia. (DUPAS, 2000).

Gomes (2001) menciona que apesar dos confrontos recentes, a problemática na Palestina é muito anterior a esses distúrbios. Para compreendê-la, é desejável viajar no tempo e retroceder ao menos até a formação do moderno Estado de Israel, em 1947, e mais ainda, até as Cruzadas e a Antigüidade - onde foram depositadas as sementes da discórdia entre povos e credos. Neste sentido organizamos uma tabela com alguns acontecimentos para nos ajudarmos a entender por que viver na Palestina é uma questão tão importante para palestinos e israelenses, gerando inúmeros conflitos entre os mesmos.

Tabela 1: linha do tempo dos principais fatos e conflitos envolvendo Israel e os territórios palestinos.

Ano	Acontecimento
1947	ONU aprova resolução que prevê a partilha da Palestina, criando um Estado para os judeus, recentemente vitimados pelo Holocausto na Europa. Jerusalém teria status internacional. A Liga Árabe recusa a proposta.
1948	A Inglaterra, que ocupava a região desde a Primeira Guerra, retira suas tropas. O Estado de Israel é proclamado. Egito, Iraque, Transjordânia, Líbano e Síria promovem ataque. Israel vence e ocupa toda a Galiléia e o Deserto de Neguev. Com o cessar fogo, Israel devolve a Cisjordânia aos árabes, que a unifica com a Transjordânia, criando o Reino da Jordânia. Faixa de Gaza passa a ser dos egípcios. Os palestinos ficam sem território próprio.
1956	Guerra do Suez. Egito, sob o comando de Gamal Nasser, nacionaliza o Canal do Suez. Israel, com apoio de Inglaterra e França, ataca o Sinai e chega ao Mar Vermelho. EUA e URSS obrigam Israel a recuar.
1959	Criação da Al Fatah, então uma organização guerrilheira palestina, liderada por Yasser Arafat.
1964	Palestinos criam a OLP, que viria a ser presidida por Arafat, com o objetivo de criar um Estado próprio e combater Israel. A Al Fatah passa a ser o braço armado da nova organização.
1967	Guerra dos Seis Dias. Egito corta o acesso israelense ao Mar Vermelho. Israel bombardeia Egito, Síria e Jordânia e conquista toda a região do Sinai, da Cisjordânia e de Golã, triplicando seu território. Controla a totalidade de Jerusalém.
1972	Um grupo guerrilheiro palestino seqüestra 11 atletas israelenses na Olimpíada de Munique. Tiroteio com a polícia deixa todos mortos.
1973	Guerra do Yom Kippur. Egito e Sírio atacam Israel no feriado judeu. Israel contra ataca e vence.
1979	Acordos de Camp David. Com mediação dos EUA, Egito e Israel assinam tratados que devolve o Sinai ao país árabe.
1982	Invasão do Líbano. Israel ataca a OLP no sul do país e controla Beirute ocidental. Permite o massacre de refugiados palestinos por milicianos cristãos nos campos de Sabra e Chatila.
1987	Intifada. Populações palestinas sob controle israelense se revoltam e lutam nas ruas, normalmente com armas simples, como paus e pedras.
1993	Acordos de Oslo. Yasser Arafat e Yitzhak Rabin firmam acordo de paz, estabelecendo autonomia palestina na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, excetuando se as colônias de judeus no interior desses territórios.
1995	Rabin é assassinado por um militante judeu contrário aos acordos de paz.
Década de 90	Acordos de paz têm avanços, e palestinos começam a receber territórios, sob administração da Autoridade Palestina. Por outro lado, o avanço de colonos judeus, as condições de vida impostas a palestinos, a questão da volta dos refugiados e da divisão de Jerusalém e o crescente fundamentalismo islâmico acirram tensões entre os dois povos.
2000	Segunda Intifada. O general e presidenciável Ariel Sharon vistos pelos palestinos como responsável pelos massacres de Sabra e Chatila visita a

	Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém Oriental. O ato é visto como provocação e detona nova revolta popular.
2001	Sharon é eleito primeiro ministro israelense. Toma medidas que desagradam os palestinos, como a construção de uma cerca em torno da Cisjordânia.
2004	Morre Yasser Arafat. Mahmoud Abbas, também do Fatah, o substitui no comando da Autoridade Palestina.
2006/ 2007	O grupo islâmico Hamas vence as eleições parlamentares palestinas. Na prática, assume o controle da Faixa de Gaza.
2008	Após trégua de seis meses entre Hamas e Israel, o grupo islâmico passa a lançar foguetes da Faixa de Gaza em direção a Israel. No fim do ano, Israel responde com ataques aéreos, matando mais de 400 pessoas.

Fonte: Autores

A localização geográfica da Palestina favoreceu a que a região se tornasse um ponto importante e problemático do Mundo Antigo: o território é um cruzamento de rotas entre Europa, África e Oriente Médio. Segundo os historiadores, as primeiras grandes disputas locais se deram entre palestinos, filisteus e hebraicos. No século VII a. C., o antigo reino de Israel passou para o domínio da Babilônia, um império da região da Mesopotâmia, onde hoje fica o Iraque. Para Gonzaga (2008), o resultado desta batalha foi o primeiro êxodo de judeus, levados para a Babilônia, e a destruição de Jerusalém.

Figura 2: Localização da Palestina



Fonte: Atlas National Geographic, 2008.

Nos séculos seguintes, Dupas (2000) relata que o território passou pelo domínio de persas (539 a.C.), macedônios (331 a.C.), entre outros, até voltar às mãos dos judeus, entre 142 a.C. e 63 a.C.: naquele período, uma dinastia judaica conhecida como Asmoneus estabeleceu sede em Jerusalém. Porém, a maior parte de seus fiéis já havia se dispersado pelas regiões próximas. Finalmente, em 63 a. C., a Palestina foi anexada por uma força irresistível: o Império Romano. Houve revoltas e novo êxodo. Com o crescimento do cristianismo - tornado culto oficial em todo o Império no século IV -, a região tornou-se local importante também para cristãos. Durante os séculos seguintes, a maior parte da população passaria a ser formada por seguidores de Cristo.

De acordo com Dupas (2000), no ano de 638, a Palestina passou ao domínio de árabes muçulmanos, que se sucedeu em diversas dinastias. Uma das mais importantes foi a dos Omíadas, que, entre outros marcos, ergueu em Jerusalém o Nobre Santuário na Esplanada das Mesquitas, onde antes ficava o Templo judaico. A cidade passou a ter enorme valor simbólico para as três grandes religiões monoteístas. Para os judeus, é a cidade do rei Davi e onde o Templo foi construído para guardar a Arca da Aliança. Para os muçulmanos, é o lugar do qual o profeta Maomé ascendeu aos céus. Para os cristãos, foi o palco da paixão de Cristo e de seu sepultamento. A presença árabe muçulmana influenciou, é claro, a vida local: costumes foram incorporados pela população, mas a assimilação da nova religião deu-se de maneira menos intensa, dizem os historiadores.

Depois de intensa coexistência, islâmicos e cristãos iniciariam choques violentos pelo controle da "sagrada" Jerusalém. Reinos europeus católicos enviaram milhares de soldados e famílias para conquistar a cidade e povoá-la. Organizada com o intuito declarado de arrancar o túmulo de Cristo das mãos dos "infiéis", a primeira Cruzada terminou, em 1099, com a tomada de Jerusalém. Em 1187, porém, os muçulmanos reconquistaram suas posições. Batalhas sangrentas e trocas de comando se seguiram. Por fim, os muçulmanos ficaram promovendo uma intensa islamização da Palestina. Nos séculos seguintes, a população se tornaria islâmica em larga proporção - depois vinham cristãos e judeus, pouco numerosos. (SILVA, 2006).

No final do século XIX começou a gestação do futuro da Palestina. Por um lado, o Império Turco Otomano, que conquistara a região em 1517, começa a ruir, abrindo brechas para uma nova organização da região. Simultaneamente, na carona

da afirmação dos Estados nacionais, cresceu um movimento internacional em favor da criação de um "lar para os judeus". Seus seguidores defendiam que uma nação judaica seria a única forma de assegurar a sobrevivência da uma cultura e uma fé oprimida e dispersa pelo mundo. De acordo com Silva (2006), nasce, assim, o movimento sionista - termo derivado de Sião, um dos nomes de Jerusalém na Bíblia.

De início, não havia a determinação de que o "lar judaico" fosse estabelecido na Palestina: pensou-se até na Argentina. A escolha recaiu sobre a região do Oriente Médio tanto por razões religiosas quanto por circunstâncias geopolíticas. Do ponto de vista religioso, a Palestina fora a Terra Prometida por Deus aos judeus. Assim, o sionismo tornou-se uma promessa entre os judeus de muitas partes da Europa, que sofriam perseguições e pilhagens em muitos países. Entre 1881-1884 e 1903-1906, chegaram à Palestina as primeiras grandes leva vindas da Europa oriental. Já do ponto de vista econômico e político da época, a escolha da Palestina enquadrou-se nos projetos coloniais de Grã-Bretanha e da França, empenhadas na partilha do Império Otomano. (SILVA, 2006)

Ao contrário do que costumamos pensar, a moderna crise da Palestina não foi exclusivamente determinada após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945): o primeiro conflito mundial (1914-1918) foi fundamental na configuração dos conflitos. E, naquele cenário, os britânicos foram protagonistas. Ao final da Primeira Guerra, a Grã-Bretanha tratou de usar seu poder de potência aliada para dismantelar o Império Turco, aliado da derrotada Alemanha. Segundo o plano, a Palestina deveria fazer parte de um novo território árabe, mas França e a própria Grã-Bretanha acabaram por defender a internacionalização da área - o que acabou ocorrendo. Ao mesmo tempo, os britânicos prometeram a líderes do movimento sionista que promoveriam o estabelecimento do tão esperado "lar" para os judeus. Vale observar que, em 1918, a Palestina tinha 700.000 habitantes: 644.000 árabes (574.000 muçulmanos e 70.000 cristãos) e apenas 56.000 judeus. (SILVA, 2006).

Encerrada a guerra, a região passou à administração britânica (1922-1948). Naquele período, o movimento sionista aproveitou a infra-estrutura administrativa e econômica britânica para acelerar a formação de seu Estado. Para isso, intensificou a imigração dos judeus da Europa oriental e central, em três fluxos: 1919-1923, 1924-1928 e 1932-1940. A mudança no perfil da população local foi evidente: em 1931, havia cerca de 170.000 judeus entre pouco mais de um milhão de palestinos; em 1946, já eram 800.000, quase 50% da população total. (SILVA, 2006, pág. 2)

Em 1937, ao perceber que os palestinos não aceitariam viver na nação dos judeus, os britânicos propuseram a divisão da Palestina em dois Estados - um árabe e o outro judaico. Dez anos depois, a ONU retomou a idéia. No dia 14 de maio de 1948, os judeus proclamaram a criação do moderno Estado de Israel. Um dia depois, na data em que os britânicos se retiravam da região, estourou a guerra: de um lado, israelenses; de outro, os árabes. (DECLARAÇÃO DA LIGA DOS ESTADOS ARABES, 1970)

Segundo a declaração cita ao final do conflito, Israel avançara sobre o território palestino. Ficaram de fora de seu controle apenas a Cisjordânia, ocupada pela Jordânia, e a Faixa de Gaza, pelo Egito - as três regiões, porém, seriam tomadas pelos israelenses em 1967. Jerusalém foi dividida: parte ficou com Israel, parte com a Jordânia. Cerca de 800.000 palestinos fugiram ou foram expulsos de suas casas devido à ocupação israelense. Essa população passou a viver como refugiada em países vizinhos.

Para Gomes (2001) a guerra de 1948 foi apenas o primeiro capítulo do moderno conflito na região. Em 1967, Israel avançaria ainda mais suas posições, alegando defender seu território e, portanto, seu direito de existência numa região cercada de árabes. Em maio daquele ano, o Egito determinou o fechamento do Golfo de Akabá a embarcações israelenses. Semanas depois, Israel empreendeu uma ação relâmpago em apenas seis dias: ao sul, tomou do Egito a Península do Sinai e a Faixa de Gaza; no centro-leste, ocupou a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, que estavam sob administração jordaniana; por fim, invadiu as Colinas de Golã, da Síria. Não por acaso, a ação ficou conhecida como Guerra dos 6 Dias. O movimento provocou novo êxodo palestino: cerca de 50.000 fugiram para países vizinhos. Israel, por sua vez, iniciou a colonização dos espaços deixados, fixando milhares de judeus nos territórios ocupados.

A precariedade da situação palestina, porém, tornava-se gritante aos olhos da opinião pública mundial. Criada em 1964, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) concentrava os protestos dos desabrigados e pedia ao mundo uma solução à questão. Israel respondeu cautelosamente. Em 1982, após negociação, devolveu definitivamente a Península do Sinai ao Egito. Em 1993, o mundo assistiu esperançoso a um aperto de mãos entre o presidente da OLP, Yasser Arafat, e o primeiro-ministro israelense, Yitzhak Rabin: nos Estados Unidos, eles assinaram a "Declaração de Princípios sobre as Disposições Interinas de 'Auto-Governo'". Foi

lançada ali a rota da paz, seguida até hoje, apesar de inúmeros desvios: entrega para a administração palestina de parte da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. No dia 1º de Julho de 1994, Arafat entrou em Gaza, depois de décadas de exílio. (GOMES, 2001).

Desde o histórico acordo de 1993, o processo de paz atravessou inúmeras paralisações. Gomes (2001) destaca que no ano 2000, explodiu a segunda Intifada, revolta palestina contra a ocupação israelense, que desaguou em repressão das forças de segurança de Israel nas ruas palestinas e também em ataques à bomba contra civis israelenses. Os anos seguintes foram repletos de agressões de ambos os lados. Sangrentos atentados suicidas mataram centenas de civis israelenses em diversas cidades, com as facções radicais Hamas, Hezbollah, Brigadas de Mártires de Al Aqsa e Al Jihad se alternando na execução. Arafat perdera claramente o controle dos grupos nacionais. Israel, por seu lado, não acreditava que o líder palestino havia mesmo desistido de ações violentas - no passado, ele defendera a aniquilação de Israel.

Israel, sob o braço forte do primeiro-ministro Ariel Sharon, um ex-militar, respondia com truculência, matando terroristas, suspeitos e, muitas vezes, suas famílias e vizinhos. A tática foi apelidada de assassinatos seletivos e envolveu também a demolição de casas em zonas palestinas. A ação encurralou até mesmo o presidente da Autoridade Nacional Palestina, Arafat, que permaneceu mais de uma vez sitiado em seu quartel-general em Ramallah. O líder palestino enfrentou ainda uma ameaça de extradição. (DUPAS, 2000)

A entrada do novo milênio coincidiu com mudanças nas lideranças de israelenses e palestinos. No fim de 2004, morreu Arafat; pouco mais de um ano depois, Sharon afastou-se por motivo de doença. Ambos eram antigas lideranças. Em seus lugares, assumiram, respectivamente, Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), e Ehud Olmert, primeiro-ministro israelense. Os contatos entre os novos atores continuam ásperos, interrompidos por arroubos de violência de milícias sem controle. Com o Hamas, que desde junho de 2007 controla a Faixa de Gaza, as relações de Israel são ainda mais difíceis.

Com inúmeros acordos que foram quebrados de ambas as partes, os conflitos tem sua grande repercussão mundial, em dezembro de 2008, quando Força de defesa de Israel começam inúmeros ataques a faixa de Gaza matando grandes números de civis, mulheres e crianças, destruindo casa, universidades, hospitais e

mesquitas, em resposta a esses ataques o Hamas enviou seus mísseis ao sul de Israel, em janeiro de 2009, as tropas Israelenses atacam por terra o território Palestino.

Com expectativa da posse de Barack Obama, em 20 de janeiro de 2009, que em um dos seus discursos afirma que vai buscar solução para um acordo entre Israelense e Palestino, decidem por cessar fogo e a retirar das tropas dos territórios ocupados.

A Comissão dos Direitos Humanos da ONU visita a Faixa de Gaza em junho de 2009, para investigar se os direitos humanos foram violados, durante os ataques Israelenses.

Segundo o primeiro ministro de Israel Benjamin Netuanyahu o país vai ter uma longa batalha para provar que não houve nenhum crime de guerra na faixa de Gaza, esse documento que foi elaborado por um juiz sul africano, consta também que o Hamas, cometeu abusos de guerra contra os direitos humanos. Esse documento também afirma que durante três semanas de combates, Israel usou de força desproporcional e impôs castigo aos habitantes de Gaza.

Todos os habitantes de Israel ou da Palestina convivem com a tensão que parece não ter fim, ou terá um dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, apesar de alguns avanços, ainda resta muito a fazer pela solução da crise entre israelenses e palestinos, corroborando o título deste estudo ao relacionar com um barril de pólvora, ao destacar a constante instabilidade que passa essa região. Neste sentido destacamos que as principais pendências para o futuro são: o controle de Jerusalém, reivindicado ao menos parcialmente pelos dois lados, a separação política de palestinos entre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, e a formação de um estado palestino.

E que cada lado desse intermináveis conflitos reconheça seus erros, adote medidas de convivência social, respeitando a cultura, o território e principalmente a vida, é no que deve pautar as negociações de Paz entre Israelenses e Palestinos.

REFERÊNCIAS

DECLARAÇÃO DA LIGA DOS ESTADOS ARABES. **A questão palestina:** os “direitos” histórico: os títulos jurídicos as implicações do conflito. Rio de Janeiro, 1970.

DUPAS, Gilberto; VIGERVANI, Túlio. **Israel - Palestina:** a construção da paz vista de uma perspectiva global. São Paulo: UNESP, 2000.

GOMES, Aura Regiane. **A Questão da Palestina e a Fundação de Israel.** 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2001.

GONZAGA, André Luís. **A política externa brasileira e a questão Palestina:** análise da imprensa e da diplomacia no período de 1945 a 1951. Dissertação de (Mestrado em Letras) Faculdades de Ciências e Letras de Assis. Assis, 2008.

KATZ, Joseph. **Os dois lados da moeda no conflito palestino.** Disponível em: <<http://www.adventistas-bereanos.com.br/2009janeiro/oconflitopalestino.htm>> Acesso em: 10 ago. 2009.

National Geographic. **Coleção de Atlas Mundial.** v 7. Brasil, 2008.

SILVA, Ana Paula Maielo. **O Papel da democracia na construção do estado palestino e na resolução do conflito palestino – israelense.** Dissertação (Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas) Unicamp, UNESP, PUC São Paulo, 2006.